

O ENSINO DE ARTES NAS SÉRIES INICIAIS E SUA RELAÇÃO COM A EXPERIÊNCIA.

Débora Jackeline da Silva ¹
Cláudia Denise Marques Sacur ²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir a importância do ensino de arte nas escolas de ensino fundamental, conversando entre diversos autores que tratam do tema através da análise bibliográfica de publicações, que abordam essa temática e como o sistema educacional atua como um espaço de mediação e aproximação entre a arte e os estudantes. Primeiramente são apresentadas algumas contribuições do ensino de arte para o desenvolvimento infantil, envolvendo os aspectos estético, poético, cognitivo, afetivo e crítico de crianças. Destinando-se a apresentar algumas posições existentes, a fim de apoiar teoricamente a presença do ensino de arte nas escolas, não deixando de refletir sobre o tema das artes, educação, sua fragilidade e seu significado na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Arte, Ensino, Aprendizagem, Experiência.

INTRODUÇÃO

O ensino de arte nas escolas ao redor do mundo vem sofrendo pressões políticas e curriculares ao longo dos anos, no Brasil embora o tema da arte esteja no currículo nacional, o foco das políticas educacionais na alfabetização, matemática e ciências, fez com que ele fosse marginalizado, causando distorções na interpretação do que realmente é. Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1996, parte da Lei 9394 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) –, segue-se uma tendência mundial que corrige tais distorções. Não só reconhecendo a importância da cultura na formação do educando como, também, permitindo que os currículos escolares possam ser revistos e elaborados de forma inclusiva com todas as áreas sendo contempladas.

O sistema educacional da contemporaneidade atua como um espaço de mediação e aproximação entre a arte e os estudantes, de forma contínua e processual, objetivando o desenvolvimento estético, poético, cognitivo, afetivo e crítico de jovens e crianças. Por esse prisma, consideramos que a Arte deixe de ser apreciada como uma atividade e passe a ocupar a categoria de disciplina de Arte, para que ela passe a ser mais do que algo para ser tratado só na escola, mas algo que provoque mudanças de comportamento.

Este artigo destina-se a apresentar algumas das principais posições existentes, a fim de apoiar teoricamente a presença do ensino de arte nas escolas. Ao mesmo tempo, ele levanta algumas reflexões sobre o tema das artes, educação e seu significado na sociedade contemporânea. Durante a exploração bibliográfica em torno do tema, comprovou-se a

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, deborajackeline22@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, claudia.marques@cedu.ufal.br

fragilidade das disciplinas artísticas não só no mundo da escola, mas, sobretudo na sociedade. Provando-se necessário o investimento na estruturação desta disciplina escolar tão importante para o desenvolvimento pleno de nossas crianças.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de leituras bibliográficas de filósofos e documentos oficiais que abordam o desenvolvimento do ensino de Artes na Educação Brasileira e sua relação com a experiência.

DESENVOLVIMENTO

Ao analisarmos as mudanças na estrutura de ensino no Brasil, ao longo dos anos, devemos considerar que a Arte ganha espaço no país em 1826, durante o governo de dom João VI, com a chegada da Missão Artística Francesa onde é criada a Academia Imperial de Belas Artes. Seguindo modelos europeus, é instalado oficialmente o ensino de Arte nas escolas. Mas até o início do século XX o ensino de desenho era considerado preparação para o trabalho, sendo que era de extrema importância. Em 1922, mesmo com a Semana da Arte Moderna, o ensino ainda segue a estrutura da escola tradicional, estimulando a cópia de modelos para o aperfeiçoamento das técnicas de trabalho.

A partir do governo Getúlio Vargas, algumas ações em prol da arte foram sendo implantadas nas escolas, como o projeto de Canto Orfeônico, instaurado pelo maestro e compositor brasileiro Villa-Lobos, o concurso de desenho livre com premiação em dinheiro, para crianças realizado pelo escritor Mario de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo. Mas apenas em 1971, com a LDB, a Educação Artística (que inclui artes plásticas, educação musical e artes cênicas) passa a fazer parte do currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio.

Segundo John Dewey (1985) a arte deve ser vista como uma experiência. Uma experiência segundo o autor pode ser algo de muita importância ou algo muito insignificante, porém os dois para ser uma experiência e para que quando lembramos, possamos dizer, “aquela foi uma experiência”, precisa ser memorável, algo que tem uma qualidade única a ponto de ser chamada de aquela obra de arte, aquele autor, aquele dia (DEWEY, 1985).

Para Dewey a arte como experiência também deve ter qualidade estética. A qualidade estética discutida por Dewey vai além do uso de materiais que tragam beleza para a arte, tem um caráter experiencial que não fica apenas no conceitual. Essa estética significa aquilo que pode ser percebido pelos sentidos, que é cheio de sensações.

Outro autor que fala sobre experiência é Jorge Larrosa Bondía (2002) em seu texto o autor explica que experiência não é coisas que aconteceram ou que passaram, mas sim o que marca o que “nos passa” (BONDÍA, 2002). Além de definir Larrosa fala sobre os inimigos da experiência, são eles: excesso de informação; excesso de opinião; falta de tempo e excesso de trabalho.

O excesso de informação faz com que o sujeito esteja mais preocupado em estar informado do que em ter experiência com aqueles saberes. Muita informação, mas sem significado para o sujeito. Já o excesso de opinião faz com que a possibilidade de uma experiência não aconteça. O sujeito tem opinião sobre tudo e não chega a ter uma experiência, como se a sua opinião bastasse. As coisas estão passando cada vez mais depressa sem dar tempo de construirmos uma conexão significativa com o que nos acontece.

Por último, o excesso de trabalho, que não é diferente dos inimigos a cima. Surgiu com esse mundo moderno onde não podemos parar pra nada, tudo é motivo de trabalho, tudo é um pretexto para uma atividade. Mas a experiência requer que algo nos toque, que nos aconteça, é necessário parar e ir mais devagar (BONDÍA, 2002).

João Augusto Pompéia (2004), faz uma discussão entorno da arte e da existência. Segundo o autor a existência é a possibilidade que o ser humano tem de sonhar, de ter uma expectativa por algo que ainda não é (POMPÉIA, 2004). Segundo Pompéia a obra de arte precisa falar ao homem, ela possibilita uma comunicação entre quem fez a obra e quem está apreciando-a. Ou seja, a obra de arte não é neutra ela existe.

Nesse ato de conversa entre os interlocutores acontece um fenômeno de experiência de intimidade entre o artista, o sujeito e algo que a obra diz (POMPÉIA, 2004). Um bom exemplo de relação entre o sujeito e a arte, é a discussão descrita no texto “Bachelard e Monet: O olho e a mão” de José Américo Motta Persanha (1988). Onde o autor descreve a relação entre a obra e o sujeito, como a obra toca o sujeito, como o pintor se expressa através da obra.

Dessa forma, a arte é muito mais que o executar algo com uma finalidade prática ou teórica. A arte tem que falar com os sujeitos, tem que tocar sua existência para que possa criar um ambiente onde ocorra uma experiência única para o sujeito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte muitas vezes é ensinada como a reprodução de algo. As crianças e jovens não tem a oportunidade de pensar e refletir sobre sua criação, reduzindo um ato de liberdade, que é a criatividade, a um ato de reprodução de algo pronto (FERREIRA, 2012). Ainda segundo o autor muitas vezes a criança que é ensinada dessa maneira passa a escolaridade dizendo a si mesma que não sabe desenhar, quando cresce se torna um professor e reproduz a forma como foi ensinada. Isso cria um ciclo de resistência a mudanças, principalmente pelo fato desses professores não dispor de uma formação adequada para superar suas limitações.

Ferreira diz que frente a essa realidade é preciso que tanto a escola quanto a formação do professor mudem seu modo de entender o que é ensinar arte. A escola deve ter como base de ensino a cultura, assumindo o seu papel como um meio facilitador do alcance do conhecimento e da liberdade e a formação do professor, por sua vez, precisa ser eficaz de modo que o professor consiga com ela saber o que e como ensinar (FERREIRA, 2012).

Especificamente em relação a formação do professor Ferreira afirma que a transformação no fazer do professor depende de como ele se relaciona com o universo da criança (FERREIRA, 2012, p.4-5). Se o professor acredita no potencial das crianças, de que as mesmas podem se tornar mais sensíveis, que podem manifestar seus pensamentos e com isso humanizar-se através da arte, então o professor tomara atitudes bem diferentes no que diz respeito ao ensino de arte. Dará espaço para as crianças se expressarem, criarem, os professores passaram a ouvir as crianças (FERREIRA, 2012).

Em seu texto “Interações: onde está a arte na infância?” (2012) a autora Barbieri descreve como as crianças se relacionam com o mundo e com a arte, explicando então como deve ser ensinado a arte. Segundo a autora ao ensinar a criança devemos ter cuidado para que o ensino esteja ligado ao seu tempo. As crianças são envolvidas por um interesse, por uma curiosidade, elementos que as colocam em movimento, procurando uma solução, uma resposta (BARBIERI, 2012). As crianças não fazem uma coisa de cada vez, pinta após desenham. Não! Elas fazem tudo junto e é assim que deve ser ensinado arte, interligando as atividades (BARBIERI, 2012).

A autora deixa bem claro que as crianças pensam diferente dos adultos e é preciso entender como as crianças pensam para adequar o ensino aos sujeito. Ser professor é ter esse olhar diferente para a singularidade das crianças e usar isso em seu ensino (BARBIERI, 2012). Segundo a autora vivemos numa época em que o mundo das crianças quase não tem sido diferenciado do mundo dos adultos. Mas é preciso romper com isso e colocar no

currículo escolar a cultura dos sujeitos que fazem parte da escola de maneira a atender suas especificidades.

Na confluência da antropologia, filosofia, psicologia, psicanálise, crítica da arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas surgiram princípios inovadores para o ensino de artes plásticas, música, teatro e dança que valorizam a livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística visando o potencial criador.

O ensino de arte era voltado ao ensino técnico, o professor transmitia aos alunos códigos, conceitos e categorias. Entre os anos 20 e 70 o ensino da Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo, enfatizando repetições de modelos, e deslocando a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação.

Com a Educação Musical a música pode ser sentida, tocada dançada, cantada. Utiliza-se jogos, instrumentos de percussão, todas e brincadeiras buscava-se um desenvolvimento auditivo, rítmico, expressão corporal e a socialização das crianças que são estimuladas a experimentar, improvisar e criar.

Segundo o autor o ensino de artes não é fácil, requer um esforço muito grande da parte do professor e da escola, é necessário sair da zona de conforto e refletir sobre o que está sendo feito na prática.

De acordo com Ferreira (2012) a concepção de arte é mutável, podendo mudar conforme a época e os sujeitos que as pensaram, constituindo-se assim, em um fenômeno histórico e cultural. Definir arte não é tão simples devido ao fato de existir diversos e divergentes conceitos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) – PCNs, que são os documentos que regulariza, padroniza os conteúdos e os objetivos das áreas de conhecimento, o ensino de arte deve estar pautado nos eixos a) experiência de fazer, b) experiência de fruir e c) experiência de refletir. A experiência de fazer consiste na criação e produção de um elemento artístico, enquanto a experiência de fruir é constituída pela análise e percepção do elemento artístico que foi produzido; e a experiência de refletir, compreende a capacidade de formar o conhecimento artístico a partir da criação de uma produção artística. Com isso percebe-se que as aulas de arte em análise são discrepantes com o que está proposto nos PCNs, em vista que seus objetivos divergem com os três eixos apresentados.

Entretanto faz-se necessário ressaltar que é possível relacionar os conteúdos trabalhados numa aula de arte com conteúdos e elementos de outras disciplinas. No entanto, cabe à escola e ao professor entender e considerar a Arte como uma área de conhecimento

com conteúdos e elementos específicos, próprios, e a partir disso deve-se pensar que o próprio objeto de estudo da arte é a própria arte, por isso, é importante desenvolver atividades de caráter e identidade artística a fim de que ao relacionar-se com conhecimentos de outras áreas, tais atividades não percam suas próprias características. (FERREIRA, 2012)

Para se trabalhar com arte na escola é preciso envolver um fazer criativo em junção com um fazer reflexivo, sendo este, a partir da apreciação de trabalhos artísticos, seja das próprias crianças ou de artistas. Para tanto, é de importante que o professor, antes de tudo, conheça os elementos específicos da linguagem artística (textura, cor, tamanho de suporte, etc.), identifique e domine-os a fim de propor uma educação e experiências artísticas voltadas para o estímulo da percepção estética da criança e do fazer artístico concreto. (FERREIRA, 2012)

De acordo com Barbieri (2012) a arte como conhecimento pode possibilitar ao sujeito experiências significativas. Vale dizer que experiência para a autora consiste no ato de experimentar, entrar em contato e explorar (novas) possibilidades. Já na perspectiva de Dewey (1985) experiência é o processo de interação e adaptação do ser vivente ao ambiente em que vive. A experiência estética, especificamente, que é uma concepção importante na arte, está relacionada à experiência enquanto apreciativa, emocional, ou seja, uma experiência capaz de gerar emoções, de sensibilizar, de provocar abalos na emoção, no corpo e no pensamento do sujeito, caracterizando assim, a educação da percepção, dos sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos que fundamentam o ensino de arte é considerar que para que haja um desenvolvimento artístico significativo, o tratamento dos conteúdos devem ser gradual, ou seja, o professor deve propor desafios crescentes, utilizando-se do equilíbrio entre as possibilidades e as necessidades de aprendizagem do aluno. Neste processo, a participação e mediação do professor é essencial, pois este tem a responsabilidade de possibilitar experiências e desafios estéticos de acordo com a faixa etária e maturidade da criança, levando sempre em consideração a maneira singular que cada criança tem de se expressar, enfrentar e responder aos desafios.

Pudemos entender que a arte é indispensável para o desenvolvimento das crianças, e sua atuação no mundo. Portanto, compete à escola levar às crianças a entenderem a Arte como linguagem, e promover espaços para a ampliação de variadas linguagens artísticas.

É preciso lembrar que a arte está presente no dia a dia da criança, e como a arte, a criança se expressa, se comunica. Diante disso, se faz necessário olhar para a criança, ouvi-la, perceber as experiências significativas que ela já traz consigo, e conseqüentemente, respeitá-la.

Dessa forma, é importante que a sala de aula seja um espaço acolhedor, que proporcione a troca de vivências; que incentive o experimentar e o apreciar; a construção; que entenda a expressão artística de cada criança como representação de seus pensamentos, sentimentos e ideias.

Diante disso, cabe ao professor pensar, planejar e possibilitar momentos onde as experiências estéticas (cheiros, gostos, sons, texturas, imagens, entre outros) estejam de fato presentes. Corroborando com este pensamento, Barbieri (2012) afirma que compete ao professor criar espaços para que este tipo de experiência seja relevante para as crianças, e alerta que para isso ocorra, demanda-se tempo e dedicação.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais** 1ª a 4ª Séries. Outubro de 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

DEWEY, John. A arte como experiência. In: Dewey. Col. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 89-105.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA, Paulo Nin. **Desafios para a o ensino de artes visuais**. 2012. p. 19.

LARROSA, Jorge. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.º. 19, Campinas: Unicamp, 2002. p. 20-29 .

PESANHA, José Américo da Mota. O olho e a mão. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p.149-165.

POMPÉIA, João Augusto. Arte e existência in: SAPIENZA, Bile Tati; POMPÉIA, João Augusto. **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: Educ, 2004. p.17-29.